

CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

qualquer forma, não deixamos de lamentar que Ferreira Gomes, com a capacidade de reflexão que lhe é reconhecida por quem com ele convive, *não queira* dedicar-se a uma outra análise histórica com que coroaria uma vida inteiramente dedicada à investigação, com muitos sacrifícios e sem grandes compensações, inclusivamente de ordem económica, em parte devido à nossa lamentável política editorial.

Estamos, pois, não perante um livro para *ler*, mas perante uma excelente obra para *consultar*. Assim o desejou, e deseja, a honestidade e a humildade de Joaquim Ferreira Gomes, que é — deve dizer-se — o mais importante dos cabouqueiros da história da Educação em Portugal.

Luís Reis Torgal

Pierre Chaunu, Georges Duby, Jacques Le Goff, Pierre Nora e outros, *Ensaio de Ego-História*, Lisboa, Edições 70, 1989, 361 pp.

«Eis um livro que não se parece com os outros», — primeira fase, em nota de abertura, de Pierre Nora.

A radical afirmação da diferença prossegue no enunciado de intenções deste projecto editorial, tão surpreendente quanto realista e provocatório. Com ele se declara o aparecimento de «um género novo para uma nova idade da consciência histórica», o que, desde logo, supõe a questão da própria historicidade da História, tal como, de forma simples e directa, Maurice Agulhon reconhece. Por isso, o seu depoimento inicia-se com estas palavras: «Pode saber-se, no início de uma carreira consagrada à História que se 'fará história' mas é raro saber-se à partida que história se fará».

É na base do reconhecimento da impossibilidade virtual de uma objectividade histórica fundada no apagamento do sujeito que faz a História, neste caso do historiador, que os *Ensaio de Ego-História* desenvolvem aquilo que poderá ser uma autêntica provocação ao mais forte e persistente argumento do cientismo histórico herdado do positivismo. *Daí a inversão do facto-documento para o historiador-acontecimento*. Inversão que acarreta, num primeiro momento, a recusa do historiador «abarricado por detrás das suas fichas», a renúncia peremptória do nós e a imposição do eu na escrita da História.

Mais do que uma simples proclamação de singularidade, esta Ego-História que não é «nem autobiografia falsamente

literária, nem fé abstracta, nem tentativa de psicanálise selvagem», transporta-nos para um universo confessional que opera a dois níveis com a memória, individual e colectiva. É justamente nessa busca aos lugares da memória do homem e do cidadão — até aqui ausentes ou distantes do leitor — que a obra do historiador reganha em sentido e objectividade. Mas esta operação, tal como se esboça neste livro, comporta alguns riscos.

Convém notar que a unanimidade que, à partida, se gera entre Pierre Chaunu, Georges Duby, Maurice Agulhon, Raoul Girardet, Jacques Le Goff, Michelle Perrot e René Rémond não visa vencer nenhuma espécie de anonimato. É certo que recuperados dos anos de solidão passados na convivência íntima de documentos e textos, estes historiadores, já celebrados no meio académico e editorial, assumem agora, mesmo involuntariamente, o papel de «vedetas profissionais».

E tudo isto numa sociedade, não o ignoramos, onde o consumo da História é cada vez maior. Em França, o livro histórico, a evocação monumental e a comemoração demandam insistentemente o quotidiano do vulgar cidadão. Tenha-se em vista o exemplo recente da evocação do bicentenário da Revolução Francesa que, numa concepção eminentemente celebrante, aliou ciência, memória colectiva, fetiche, espectáculo e festa. Assim o historiador que revela o homem e descobre o tempo é investido por esta sociedade, perfeitamente laicizada e secularizada, com a dignidade própria de quem restitui uma verdade não individual mas colectiva e que, não sendo eterna, vence os mistérios da ocultação e do esquecimento. Neste quadro a Ego-História concretiza, no plano cultural e social, um imperativo que é já histórico.

Num campo onde são maiores as afinidades de concepção historiográfica que as divergências, cada historiador expõe-se ao olhar do outro, de forma diferente, porque cada historiador é também uma história e um itinerário. Assim um acaso, um trauma, ou uma tomada de consciência dão maior luz a uma sensibilidade. Ao lê-los topamos também, de forma mais precisa, os elos fortes de uma geração, e os quadros referenciais mais importantes de um grupo e de uma época. As sequelas do pós guerra e o empenhamento político nas fileiras do P. C. F. e S. F. I. O. no final dos anos quarenta; vinte anos depois a independência da Argélia reinstaura a premência do debate político; e no final da década feliz, a mobilização da esperança culmina no virar de página que foi Maio de 68.

Neste exercício, entendido como tomada de consciência global, uns autores exprimem maior timidez e reserva ou, então, a serenidade e o prazer de quem se sente «*ego faber gloriosus*», como é o caso de Georges Duby que no final do seu percurso biográfico nos deixa esta nota de prudência: — «Não estou certo, de facto, de que o historiador esteja mais bem colocado do que ninguém para tratar as lembranças que lhe dizem respeito. Inclinar-me-ia a pensar que ele está menos bem do que muitos» (p. 137).

Se a simpatia e a tranquilidade marcam o contacto com Georges Duby já o arrebatamento e a admiração assinalam o encontro com Pierre Chaunu que desde logo confessa:

— «Sou historiador porque sou filho da morta e o mistério do tempo me persegue desde a infância. Até onde remontam as minhas lembranças, encontro-me fascinado pela memória...» (p. 63). Nele o homem religioso está no cerne do pensamento do historiador, por isso acrescenta: — «A minha relação com o tempo que fez de mim um historiador explica e justifica que a minha metafísica seja uma metafísica de historiador. E como o cristianismo é memória guardada de uma *história que dá o seu sentido à história* eu inseri-me sem dificuldade no seu seio a ponto de chegar-me a perguntar como poderia ser historiador se estivesse, por infelicidade, separado da tradição judaico-cristã onde me insiro...» (p. 102).

Por outras razões, motivam idêntico interesse e curiosidade os testemunhos dos restantes historiadores aqui representados. De cada leitura se guardará um sentimento. É pois difícil ficar indiferente a esta obra. Há nela um hiper-realismo que nos choca, uma tentação psicologista perigosa, um sentido de aventura que, talvez e para já, só uma estratégia comercial aconselhe, e, apesar disso, um fascínio e um encanto muito particulares.

Sublinhe-se por fim, que esta obra marca uma linha de continuidade em relação a revelações e ensaios como *L'image dans le tapis (L'École de France, 1984)*, de Mona Ozouf, ou muito recentemente, *Les Aventures de la Raison* de Michel Vovelle. Enfim é uma História com rosto que parte à procura do rosto na História. Esta dupla procura funda definitivamente um novo quadro de inteligibilidade no domínio da História da História.

Ana Cristina Bartolomeu d'Araújo